

Moçambique não quer afectar relações com Portugal

Alves Gomes, em Maputo

05. 21/1/83

As autoridades policiais moçambicanas da cidade da Beira encontraram no final da semana passada vário armamento de uso militar na residência do cônsul português, João Carlos Versteeg. A busca policial provocou um protesto diplomático por parte do Governo português, apresentado pelo embaixador no Maputo, devido a «violação da imunidade diplomática».

De acordo com informações obtidas a partir da Beira, o cônsul português tinha na sua residência várias pistolas e granadas escondidas em vasos de plantas. À busca efectuada pela polícia moçambicana, na presença de João Carlos Versteeg, seguiu-se uma outra feita na casa de um cidadão britânico detido há mais de um mês, por suspeita de envolvimento nas explosões que destruíram tanques de combustível em 8 de Dezembro passado na Beira.

Em Maputo o embaixador português tem entretanto mantido contactos regulares com o Ministério dos Negócios Estrangeiros moçambicano. Quer da parte da Embaixada portuguesa, quer da parte do Governo moçambicano, não nos foi possível obter quaisquer comentários oficiais sobre o sucedido.

Segundo declarações não-oficiais feitas na Beira e no Maputo, a Embaixada portuguesa alega o desrespeito pela imunidade diplomática em termos bastante duros, enquanto a parte moçambicana afirma que o cônsul português violou o cô-

digo de conduta diplomática ao esconder armas usadas para actividades antigovernamentais na sua residência.

Posteriormente a terem encontrado as armas em casa de João Carlos Versteeg, as autoridades policiais da Beira tomaram medidas cautelares de emergência por forma a manter em sigilo o que se estava a passar. Na quarta-feira o cônsul português viajou da Beira para Maputo, enquanto um alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros moçambicano, embaixador Isaac Murargy, partiu para Lisboa onde chegou ontem.

Pela forma como estão a ser conduzidas as coisas pelo Governo moçambicano, observadores no Maputo afirmam haver «todo o cuidado em não se querer afectar as excelentes relações existentes entre os Estados português e moçambicano». Informações transpiradas do encontro havido na quarta-feira entre o embaixador português e o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Moçambique indicam que tem havido pelo lado de Moçambi-

que todo o cuidado em descomprometer a Embaixada de Lisboa das actividades do seu funcionário na Beira.

Segundo fontes da Beira, a busca efectuada na casa do cônsul «tem estreitas ligações com a detenção de cinco cidadãos portugueses e um britânico, logo após a explosão verificada nos tanques de combustível. Em 8 de Dezembro mais de três dezenas de reservatórios com combustível para o Zimbábue foram feitos explodir numa acção que o Governo moçambicano atribui às actividades de desestabilização da África do Sul.

Finlay Dion Hamilton, inglês, Beijamim Fox Júnior, João Fernandes, Cipriano Monteiro, Maria Odete Rodrigues e Joaquim Martinho da Silva, todos portugueses, foram então detidos. Durante as investigações a polícia moçambicana veio a descobrir na residência do cidadão inglês uma grande quantidade de armas, desde granadas a espingardas, uniformes e munições, que se encontravam ou enterradas, ou escondidas no interior da casa.

Todas estas pessoas trabalhavam para a Manica Freight Service, empresa transitária que opera na Beira efectuando serviços relacionados com o despacho da carga de navios que por ali passam. Hamilton, que era o director da empresa, e Beijamim Fox, que funcionava como seu braço direito, são acusados de estar envolvidos

em várias acções de sabotagem ocorridas na região da Beira.

De acordo com o jornal «Diário de Moçambique», foi a detenção de um elemento dos bandos armados que operam sob o nome de Resistência Moçambicana, quem levou à identificação deste grupo, onde Beijamim Fox e Hamilton, este proprietário de um avião, desempenhavam papel de relevo. Com efeito, e a coberto das suas actividades, deslocavam-se várias vezes para fora da Beira a fim de efectuarem contactos tanto na África do Sul, como com os bandos armados a actuarem na Beira.

Foi na sequência destas investigações que as autoridades moçambicanas foram levadas a fazer uma busca na casa de Finlay Hamilton. Durante essa operação, e segundo nos afirmaram da Beira, a esposa de Hamilton decidiu revelar que não só ele estava implicado, mas também o cônsul português João Carlos Versteeg.

A busca a casa do cônsul português e a consequente descoberta das armas escondidas em vasos de plantas, gerou entretanto a referida movimentação diplomática. De notar, contudo, que o Governo moçambicano, ao recusar-se a comentar o sucedido, parece estar a querer solucionar a questão, separando o trigo do joio, sem afectar as relações diplomáticas, económicas e culturais que mantêm neste momento com Portugal.